

# Dialogicidade e heterogeneidade das e nas práticas da linguagem: algumas palavras

Ana Paula C. Bovo\*  
Jane Quintiliano G. Silva\*\*

Este número do **Cadernos CESPUC de Pesquisa** é dedicado à publicação de estudos que, em suas articulações teórico-analíticas, voltam-se para o trabalho com questões pertinentes à dialogicidade e à heterogeneidade da linguagem.

Essa temática nos remete, certamente, às bases epistemológicas do Círculo de Bakhtin e vem sendo notadamente contemplada no projeto teórico da Análise do Discurso, mas não se restringe a esses domínios teóricos. Sabemos que, em outras correntes teóricas das Ciências Humanas, essa pauta é reivindicada, sobretudo àquelas que evidenciam perspectivas críticas acerca de estruturas ditas inabaláveis, crenças em uma objetividade pura, dicotomias, verdade uma e una na ciência. Perspectivas, enfim, que problematizam concepções fechadas ao múltiplo.

De modo geral, podemos afirmar que em torno dessa temática gravitam discussões que contemplam um conjunto de questões sobre o discurso de outro, vozes, relações dialógicas, polifonia, bivocalidade, dialogização, hibridismo, intertextualidade, interdiscurso, repetições, paráfrase discursiva, memória discursiva, alteridade, heteroglossia, entre outras.

A respeito dessa trama conceitual, conforme a abordagem teórica que a acampa, podem-se mobilizar percursos teóricos específicos conferindo a tais noções tonalidades distintas. Ainda assim, não nos parece demais dizer que se tem aí noções dinamizadoras, como lentes que revelam lados, arestas e relevos que nos fazem, portanto, desconfiar da completude e transparência da língua, da homogeneidade do discurso, do sujeito como dono ou origem do seu dizer. Em suma, abrem-se gestos de leitura para perscrutar movimentos da prática languageira que reconhecem o heterogêneo, o dissonante, o fragmentário, o descontínuo, o marginal, o provisório.

\* Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em Letras pela PUC Minas.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do PPG-Letras PUC Minas.

Outro ponto importante a considerar, sob a ótica da temática em pauta, envolve a pluralidade de textualidades, de discursividades e suas formas híbridas, na contemporaneidade, engendradas na dinâmica da cultura digital, no domínio da Web. Tal diversidade vem redesenhando as relações do homem com a linguagem, marcadas pela emergência, pluralidade e heterogeneidade de novas narrativas, de novos gêneros de discursos ou outros em transformação, de outras vozes e identidades, que rompem com o desejo da chamada língua perfeita, da consolidação da verdade uma ou una, da completude do sentido, da ilusão de uma subjetividade pronta e acabada.

Em resumo, na proposta deste Caderno, objetivamos reunir trabalhos cujas discussões enfatizam a dimensão dialógica e heterogênea da linguagem. O silenciamento de tais dimensões, tal como vigorou por muito na história das ideias da linguagem, que acaba por mascarar a porosidade dos discursos, a movência e a historicidade dos sentidos, tem sido continuamente desconstruído nas últimas décadas, numa espécie de contramovimento cujos inúmeros desdobramentos se espalham e se imbricam ao mesmo tempo. O espaço deste número é dedicado a estudos e trabalhos que se ligam a tais desdobramentos, assumindo-os e reconfigurando-os, portanto.

A dimensão dialógica e heterogênea da linguagem ganha força e formas múltiplas a partir das ideias de Bakhtin e das de Volochinov, bem como de inúmeros desdobramentos que essas ideias vão gerando desde a sua maior divulgação e circulação em meio a inúmeros pensadores de diversos campos e lugares. Assim, quaisquer palavras, quaisquer enunciações estariam, por sua própria configuração social, inseridas numa corrente de comunicação verbal ininterrupta.

O diálogo – a troca de palavras – é a forma mais natural da linguagem. Mais ainda: os enunciados longamente desenvolvidos, ainda que eles emanem de um interlocutor único (...) são monológicos somente em sua forma exterior, mas, em sua estrutura interna, semântica e estilística, eles são, com efeito, essencialmente dialógicos”. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1976, s.p.).

Os estudos do Círculo de Bakhtin fazem da relação com o outro o fundamento da discursividade e da heterogeneidade da linguagem. Essa

posição teórica, formulada na passagem que segue, dá-nos, em alguma medida, o alcance do papel que outro ocupa no processo da constituição do discurso e da pluralidade dialogizada das vozes no discurso. Dessa perspectiva, diz Bakhtin:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 341).

A noção de heterogeneidade da linguagem está em uma relação inextrincável com a de dialogia, a qual ganha corpo, conforme Bakhtin nos dá a conhecer em suas diferentes obras, na ideia segunda a qual o discurso reencontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto e, um não pode não entrar em relação viva e intensa com o outro (BAKHTIN, 2015).

E aqui retomando o que se afirmou já na entrada deste texto, é interessante salientar que em torno do par, heterogeneidade da linguagem e dialogia, acerca-se uma série de conceitos: relações dialógicas, compreensão responsiva, réplica, polifonia, bivocalidade, dialogização interna do discurso, palavra alheia, hibridismo, carnavalização, os quais, entrelaçados numa trama conceitual, compreendem os modos de descrever os fenômenos de manifestação de vozes sociais, dos discursos atravessados por outros discursos, do encontro, confronto e/ou silenciamento de dizeres e de já ditos no corpo de nossas linguagens.

Construindo pontes com teorias sobre o discurso, o caráter duplamente dialógico da linguagem, constituído por suas dimensões interdiscursivas e interlocutivas, configuraria o que Authier-Revuz chama de *heterogeneidade constitutiva* – o outro que atravessa constitutivamente o um. Pensar em relações entre tais heterogeneidades – aquela constitutiva e suas diversas formas e manifestações *mostradas*, é justamente o que fazem, cada qual ao seu estilo, os pesquisadores-autores que se aventuram a escrever sobre a temática aqui proposta.

Convocado o nome de Authier-Revuz, importa-nos, nesse momento da exposição, salientar que é com essa autora que a noção de heterogeneidade

constitutiva ganha novos contornos conceituais, promovidos a partir do deslocamento de uma concepção homogeneizadora da língua e do sujeito para uma concepção heterogênea de língua, de discurso e de sujeito. Sua empreitada teórica volta-se para o que ela vai chamar de heterogeneidade do sujeito e do discurso, apoiando-se, para isso, em uma interlocução com estudos inscritos em campos disciplinares externos à Linguística, domínio científico esse em que se aportam seus trabalhos.

Authier (2004), assumindo que o trabalho teórico-analítico sobre a heterogeneidade mostrada não deveria se esgotar em uma descrição linguística, lança luzes sobre os fatos enunciativos, convocando uma concepção dialógica da linguagem, tal como formulada por Bakhtin, e aliando-se a essa abordagem a de discurso como produto do interdiscurso, trazida pela Análise do Discurso. Nessa investida, outra contribuição decisiva para seu trabalho vem da Psicanálise, da releitura de Freud por Lacan, por ela entender que o sujeito se anuncia no discurso e/ou que se representa no fio do discurso não é um sujeito empírico, tampouco dono de seu dizer, sobre o que se teria pleno controle. Distanciando-se dessa concepção que postula a unicidade do sujeito, inscrita em uma perspectiva humanista-cartesiana, e advoga a subjetividade como sinônimo de individualidade, dominada pela razão, ou seja, pela consciência, o trabalho de Authier acerca-se, desse modo, de uma noção de sujeito afetado pelo outro, o outro do inconsciente, que se mostra descentrado, cindido na sua subjetividade.

É, fundamentada na articulação dessas concepções, que ela se volta para interrogar a heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade de seu discurso. (AUTHIER, 2004, p. 26). Assim, tomadas, numa relação inextricável com a heterogeneidade constitutiva, as marcas do dizer e do dito, trazidas no fio do discurso, são entendidas com fatos enunciativos, fundamentalmente atravessados de heterogeneidades. E, nesse enquadre, são abordadas como formas de ruptura, fraturas, fragmentos do outro ou dos outros que intervêm no fio do discurso, as quais põem em cena o confronto da identidade e alteridade do sujeito e deixam ressoar os efeitos da exterioridade.

Dessa perspectiva, para Authier, as marcas denunciam o outro que abre uma outra heterogeneidade no discurso de uma outra natureza: o outro

do inconsciente, do imprevisto do sentido, de um sentido “desconstruído” no funcionamento autônomo do significante” (AUTHIER, 2004, p. 44). Além, ainda, dos outros que ressoam no discurso, o reivindicado pelo dialogismo e o ideológico, defendido pela Análise do discurso, e que abrem o discurso sobre sua exterioridade.

Como se vê, Authier nos apresenta lentes para desconfiar-se de que o dizer não parece tão óbvio, se, é claro, admitir-se que, como ela nos diz:

Essas palavras porosas, carregadas de discursos que elas têm incorporados e pelos quais elas restituem, no coração do sentido do discurso se fazendo, a carga nutriente e destituente; essas palavras **embutidas**, que se cindem, se transmudam em outras, palavras caleidoscópicas nas quais o sentido, multiplicado em suas facetas imprevisíveis, afasta-se, ao mesmo tempo, e pode, na vertigem, perder-se; essas palavras **que faltam**, faltam para dizer, faltam por dizer defeituosas ou ausentes - aquilo mesmo que lhes permite nomear, essas palavras **que separam** aquilo mesmo entre o que elas estabelecem o elo de uma comunicação [...] (AUTHIER, 1998, p. 26) (Grifos da autora)

Assim, pensar a prática languageira, então, focalizando suas dimensões dialógicas e heterogêneas, é colocar em foco, sob uma lupa investigativa, o embate discursivo vívido que se desenrola cotidianamente ao nosso redor, impulsionado por e impulsionando a refletir sobre a “arena” simbólica que se reconfigura a cada enunciação. Experimentar, na atualidade, um recrudescimento de posturas e narrativas contrárias ao múltiplo como vivenciamos hoje é sentir o paradoxo gritante que redesenha o grande fio “da comunicação verbal ininterrupta”, composto, ele mesmo, de tantas formas de manifestações textuais. É o que sentimos ao ler cada um dos textos que aqui se apresentam.

Sobre esse ponto de nossa discussão, para amplificá-lo, evocamos Chartier (1998) com uma reflexão sobre a íntima relação entre a cultura do escrito e sua tentativa de silenciamento:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como

subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. Esta apropriação penal dos discursos, segundo a expressão de Michel Foucault, justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou leitores. (...) A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. (CHARTIER, 1998, p.23).

Ora, se a metáfora é válida, é possível dizer que linguagem e silenciamento convivem, desde sempre, intimamente. Em seu estudo sobre “as formas do silêncio”, Eni Orlandi (2007) argumenta que, sob uma determinada perspectiva discursiva, o silêncio pode ser a possibilidade de compreender a dimensão contraditória da constituição discursiva, já que situa o sujeito da linguagem na relação do “um” com o “múltiplo”. Em meio às diversas formas de silêncio, inclusive o fundador, aquele que é também constitutivo da linguagem, vivenciamos “formas de “apagamento”, de “produzir o não-sentido onde ele mostra algo que é ameaça”. Parece-nos que é sobre essas formas de silenciar que muitos dos textos aqui dizem: “assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam. As palavras são cheias de sentido a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas” (ORLANDI, 2007, p. 14).

Os discursos convivem, pois, dialeticamente com as tentativas de silenciamento desses próprios discursos pela mesma sociedade. Essa convivência, esse embate paradoxal, com certeza, fazem parte da dimensão languageira e não somente da cultura do escrito. Entretanto, senti-lo com tal força na contemporaneidade nos motiva a agir para a coconstrução de contranarrativas, de movimentos analíticos, de ações, enfim, que nos fazem, talvez, “admiradores de flores”, daquelas que, tal qual o poema, rompem o grosso asfalto das tendências monologizantes.

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?  
Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.  
Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.  
(...)  
Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.  
Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.  
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Esperamos que os leitores nos perdoem a metáfora, mas ela nos pareceu interessante para ilustrar um desejo que transparece nos textos e é relativo ao papel de pesquisadores, alunos, professores, autores, enfim, os que se aventuram a escrever sobre determinada temática e que, ousamos dizer, parecem engrossar o rol dos que têm uma certa função – fazendo menção à argumentação de Gagnebin (2009) sobre a função social de poetas, arqueólogos, detetives, cronistas, historiadores: a de lembrar à sociedade dos seus “restos”, dos seus “rastros”.

Abrimos este número, portanto, com o texto de Fernanda Zilli do Nascimento e Robson Figueiredo Brito - *“Sabe com quem está falando?” Heterogeneidades e posicionamentos discursivos inscritos no discurso*

*aristocrático da elite brasileira*, cuja análise desperta reflexões fundamentais à compreensão das relações sociais em nosso país. As três cenas enunciativas que configuram o objeto de estudo, amplamente divulgadas pela mídia, ilustram a atualização viva, na contemporaneidade, de formações discursivas com raízes profundas na sociedade brasileira e que refletem uma ordem de discurso *aristocrática*. Com princípios assentados em estudos dialógicos sobre a linguagem, os autores iluminam o jogo discursivo em cena, no qual os posicionamentos assumidos pelos atores indiciam vozes diversas, permeadas de historicidade.

Assim, a percepção de que “a formação discursiva da disputa de classes tem tomado atualmente contornos mais autoritários e beligerantes, e para os quais o igualitarismo deve ser combatido em sua raiz” tem eco nesta análise, a qual impulsiona os leitores a imergirem na importante ponderação sobre as bases nas quais construímos e continuamos a construir nossas relações sociais e, portanto, dialógicas. No caso, os sujeitos que apelam para a ordem de discurso em questão revelam o desejo de silenciamento do outro e de sobreposição de suas vontades ao poder regulatório do Estado. Esse é um dos *ethos* presentes em nossa trama social.

O próximo texto fala também de *ethos*, esse conceito que, sob uma perspectiva discursiva, é ressignificado, trazendo à baila as complexas relações que permeiam a interação do locutor/enunciador/escritor com o seu ouvinte/enunciatário/leitor. A ideia de *ethos*, redimensionada, portanto, passa a se referir não somente a características que compõem uma coletividade ou mesmo, como propõe Aristóteles, ao recurso retórico de construção da imagem do orador, mas como parte do intrincado processo do discurso. Como propõe Maingueneau (2008a, p. 29), “a adesão do destinatário se opera por um escoramento recíproco entre a cena de enunciação, da qual o *ethos* participa, e o conteúdo nela desdobrado”.

É pautada por essa proposta que a autora Fernanda Santana Gomes, em seu texto *Ethos e vozeamentos*, propõe-se analisar a música Carta à mãe África, de Genival Oliveira Gonçalves, mais conhecido como GOG – poeta, *rapper* e escritor brasileiro. Assim, a partir das considerações teóricas arroladas e do *corpus* analítico do estudo, é possível ter uma compreensão de como o *ethos* pode funcionar como um movimento retórico com expressiva repercussão argumentativa no discurso. Além disso, como a autora se propõe a trabalhar em conjugação com a perspectiva dialógica, ela

procura mostrar como podem ser percebidas “outras vozes e interdiscursos correlacionados aos povos negros, que servem de sustentação para o seu posicionamento em defesa de valores como liberdade, igualdade e justiça, os quais ajudam a engendrar sua legitimidade e autoridade discursiva”.

Já em *Autoria e heterogeneidade em (dis)curso*, a imbricação entre duas importantes noções nos leva a refletir sobre a constituição discursiva e, portanto, social, dessas ideias. O autor, Renato Cassim Nunes, apresenta um panorama sobre os estudos a respeito da “categoria autor”, a partir do qual a reflexão sobre a temática é tecida.

O processo de constituição autoral é algo que perpassa diversas dimensões da vida em sociedade: esfera jurídica, esfera escolar, esfera literária, esfera acadêmica e outras. Quando se fala em autoria, esse termo pode se referir tanto ao processo de escrita de um aluno na escola quanto aos direitos de alguém sobre sua produção e, por isso mesmo, é uma noção intrigante e complexa que engloba inúmeras nuances a depender de como a observamos. Entre Barthes, que argumenta sobre *a morte do autor*, e Foucault, que pondera sobre a sobrevivência da ideia de autor por meio da escrita e da obra, temos um quadro profícuo de influências teóricas que nuançam o conceito.

Ao trazer à baila as ideias de autoria e heterogeneidade em discurso, o autor ensaia uma reflexão sobre o atravessamento que perpassa a figura autoral representada na pergunta que se impõe: se a linguagem é por natureza heterogênea, seria possível um sujeito se destacar no meio de tantos outros ao mobilizar diferentes discursos numa dada enunciação? E a resposta há de ser positiva se olharmos para alguns exemplos, entre os quais, destaca o autor, os de “comunidades discursivas religiosas de formação cristã, judaica e mulçumana, nas quais os seus autores fundadores se destacaram mobilizando diferentes discursos e fundando novas discursividades”.

O texto seguinte, na tessitura do fio condutor que é a heterogeneidade da linguagem, Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues apresenta o seu estudo sobre a escrita de pesquisa, o qual nos brinda, do início ao fim, com a desconstrução de representações sobre os modos de fazer ciência e de escrever sobre ciência. A autora argumenta que as áreas disciplinares têm papel determinante na construção genérica da escrita universitária e, na esteira do questionamento acerca do discurso do déficit, ela se propõe pensar, junto aos estudos sobre letramentos acadêmicos influenciados

particularmente por Lea e Street, na insustentabilidade da ideia de homogeneização dos modos de fazer e de dizer científicos. Nesse embate, então, com representações persistentes no seio social, a voz dessa autora soma-se às outras deste caderno, despertando para a necessária percepção acerca da ilusão da “objetividade” e “neutralidade” do discurso científico.

No intuito de contribuir com as pesquisas desenvolvidas sobre o letramento acadêmico e reiterar o papel das disciplinas na construção de saberes, Daniela Lopes Dias Ignácio Rodrigues discute o estatuto epistêmico e a funções de referência do discurso do outro em áreas distintas assumindo como pressuposto básico o de que os modos de relatar o discurso do outro manifestam posicionamentos identitários dessas áreas do saber. Para responder a interrogações que a autora se coloca sobre a natureza das citações no discurso acadêmico (quais são as vozes que falam? que tipo de autoridade é conclamado? quais diferenças e ou semelhanças existem em relação ao uso do discurso relatado nas diferentes áreas disciplinares em estudo?), ela nos apresenta a análise de seu objeto de estudo composto de 133 artigos científicos publicados em 12 revistas científicas *Qualis A e B* entre os anos de 2014 e 2016 nas áreas de Linguística, História, Ciências Sociais e Engenharias.

Após essa imersão em questionamentos sobre a natureza do discurso científico, especialmente no que tange aos modos de dizer da escrita de pesquisa, cuja heterogeneidade, apesar de não ser tema novo nos estudos das Ciências Humanas, continua persistentemente em embate com tentativas de silenciamento da diferença, Andréia Teixeira e Juliane Ferraz Oliveira nos transportam novamente ao universo dos textos e discursos com a temática da negritude quando apresentam o trabalho intitulado *A construção do discurso jornalístico: um olhar analítico para a presença dos princípios de responsividade e interdiscursividade em um artigo de opinião*. As autoras mobilizam os conceitos de responsividade e interdiscursividade para a análise do objeto de seu estudo, composto pelas estratégias discursivas que sustentam os discursos antirracistas tematizados no artigo de opinião “O enfrentamento ao racismo precisa ser mais do que posts para aliviar a consciência”, da filósofa Djamila Ribeiro, que nos convida a refletir sobre aquilo que compreendemos como o agir antirracista.

O convite parece ser aceito pelas autoras, as quais engrossam, com o seu estudo, o coro dos que chamam à reflexão sobre a temática. O gênero, no

caso o artigo de opinião, sob a perspectiva dialógica que pressupõe a noção de alteridade como princípio constitutivo, é compreendido como uma ação social, tendo como base a compreensão da língua em movimento, retratando o deslocamento de uma dimensão que seria apenas da forma e do conteúdo para uma noção discursiva de gênero. Com base nesses pressupostos, as autoras vão “deslindando” os fios que entrecem o tecido discursivo do texto, apontando para a percepção de que “a articulista convoca em seu texto todas as vozes que podem e devem acabar com esse silenciamento, lutando contra os movimentos racistas, e em defesa da vida dos sujeitos negros”. A enunciadora reforça o fato de que é preciso uma postura antirracista de fato para combater o racismo institucional e estrutural.

Ainda em relação a formações discursivas arraigadas na trama social, o texto *A pantomima de Regina: fragmento simbólico integrado à rede interdiscursiva de reciclagem memorialística*, de Daiman Oliveira da Costa nos lembra, aliás, sobre a própria memória, que sua configuração discursiva está em constante construção e seus alicerces são constituídos sobre contínuas reciclagens memorialísticas a serviço de uma rede interdiscursiva cujas formações ideológicas são, no mínimo, alarmantes.

A afirmação do autor se sustenta na análise que empreende sobre um certo episódio de nossa cena política. Como se não fosse suficiente enfrentar a crise sanitária e as turbulências da esfera política, afirma o autor, “um recente episódio esdrúxulo profanou parte da memória histórica da política brasileira, dessa vez em forma de uma constrangedora pantomima”. Ele se refere à entrevista concedida por Regina Duarte à CNN, em 7 de maio de 2020. Em sua argumentação, o autor mobiliza conceitos da Análise do Discurso de base pecheutiana na tentativa de esclarecer o funcionamento do discurso e colocar em relevo certas consequências da relação entre memória e discursividade. A pretensão é desenvolver um mapeamento teórico-metodológico que dê conta de evidenciar como a pantomima de Regina seria, na verdade, um acontecimento discursivo cuja participação (contínua e paciente) em certa rede interdiscursiva, recorrentemente recicla a memória histórica através da atualização da memória discursiva. Nessa perspectiva, reforça o autor, as práticas languageiras são concebidas como “metonímias das relações de poder embutidas na esfera pública e o discurso torna-se um incansável gerador de consensos coercitivos que, em grande

medida, impõem ideologias de modo velado e manobram o modo como os sujeitos experienciam e interpretam os fatos sociais”.

A cena política, como visualizamos pela descrição de muitos dos textos já apresentados, permeia este Caderno. Outro texto que aborda essa dimensão é o de autoria de Kátia Regina de Souza e Silva e Giliard Dutra Brandão - *Memes e(m) política: movimentos de análise discursiva*, cujo objetivo é analisar e discutir os efeitos discursivos nos memes que configuram o *corpus* de análise. Para realizarem a tarefa, os autores selecionam um *corpus* no qual é evidente o embate entre duas posições ou entre dois grupos: os bolsomitos ou bolsominions e os bolsolixos; evidenciando uma polarização que mostra diversos desdobramentos e consequências para a política brasileira. Os autores observam como os discursos são atravessados, refratados, de forma a corroborar o pressuposto de que o interdiscurso tem precedência sobre o discurso.

Ao colocar em foco o gênero *meme*, o texto destaca a pluralidade de textualidades, de discursividades e suas formas híbridas engendradas na dinâmica da cultura digital as quais, por seu próprio funcionamento discursivo, evidenciam a questão da heterogeneidade da linguagem, temática deste caderno. Como resultados das análises, os autores fazem notar recortes estratégicos produzidos pelos dois grupos em seus memes, cuja intencionalidade é a de projetar representações (negativas) dos políticos que não apoiam. Importante salientar, de acordo com as conclusões da análise, que a produção de sentidos é possível a partir da mobilização, pelo leitor, de aspectos polifônicos ancorados aos aspectos históricos, culturais e sociais.

(Re)velar a trama textual e discursiva de um texto é um movimento analítico que não pode ter a intenção de desvendamento, embora essa atuação esteja imbricada num círculo de (des)velamento, como queremos marcar/brincar com os parênteses, porque, afinal, tecidos na opacidade da língua, é próprio dos textos o jogo de “mostrar e esconder”, na composição de um sítio de significância que é sempre movediço porque comporta várias dimensões e atores.

Esse é o projeto discursivo que Sérgio de Oliveira nos traz, apostando num movimento analítico que explicita esse jogo presente na leitura e na escrita com seu ensaio *Os textos que um texto esconde*. Corroborando perspectivas que compreendem a leitura como discurso, o autor seleciona

capas de revistas de circulação nacional para (re)velar estratégias de construção na escrita e gestos possíveis de leitura. Assim, o leitor desponta como coconstrutor do texto, já que a interpretação prevê o seu trabalho discursivo de redimensionamento para a construção de um novo efeito.

Quando propusemos a temática da dialogicidade e da heterogeneidade da linguagem para este número, tínhamos em mente as diversas possibilidades não somente de nuances teórico-metodológicas, mas de construção dos objetos de reflexão e análise. É instigante ressaltar, porém, o conjunto significativo de textos que se debruçam sobre questões e relações étnico-raciais. Assim, a opção por entremear esse conjunto na malha do sumário ressalta o desejo de também colocar em relevo a extensidade e a intensidade de uma produção, em nossa área, que escolhe colocar em relevo essa problemática.

Assim, temos o texto de Janaína Zaidan Bicalho Fonseca - *Silêncio e ausência de cor em manchetes jornalísticas de caráter racial: práticas autorais de escrita para outras (res)significações de sentidos*, que aposta na ruptura e na reconstrução dos modos de dizer, estabelecendo uma espécie de “polifonia controversa” com manchetes jornalísticas de caráter racial, na tentativa de problematizar a construção de sentidos resultantes do apagamento da adjetivação e da naturalização do preconceito. Assentada em concepções da Linguística Aplicada, a ideia de cocriação discursiva é experienciada por um aluno por meio da reescrita das manchetes analisadas. O texto é o relato dessa experiência pautada na inversão ideológica no exercício de constituição autoral compreendido como ato responsivo do dizer, o que pressupõe uma concepção de escrita dialógica e singular. Desse modo, o texto participa de iniciativas que desconstroem a ideia de neutralidade midiática e instiga possibilidades de experientiação da coconstrução de significados, especialmente os que materializam formações discursivas preconceituosas.

Na sequência, com o trabalho de Heitor Pereira Lima e e Kátia Regina de Souza e Silva - *Os sentidos mudam e a cozinha também: análise da(s) formação(ões) discursiva(s) das propagandas da Todeschini*, continuamos inseridos na esfera midiática, mas, dessa vez, no campo dos gêneros publicitários. Mudam os gêneros, mudam as formas de se materializar certas representações sociais, embora formações discursivas preconceituosas sobrevivam resistentemente. Entretanto, há certa atuação

dos sujeitos - leitores e escritores - que faz ou que pode fazer frente a tais sobrevivências e que é também evidenciada nos textos deste Caderno.

Os autores compreendem a textualização de um discurso, quer materializada num texto verbal, numa fotografia ou por qualquer semiose, é sempre “autorizada” por uma formação discursiva que legitima o dizer, bem como a forma como se diz. Segundo a análise de discurso inspirada por Pêcheux, mobilizam-se concepções que assumem a importância das formações discursivas, embora considerando que certos movimentos - tomadas de posição dos sujeitos - configuram a manifestação da heterogeneidade dessas próprias formações discursivas. A análise de três propagandas das cozinhas Todeschini evidencia (con)formações ideológicas que se relacionam com formações discursivas responsáveis pela materialização, em imagens e textos verbais, de papéis sociais pautados pela discriminação racial e de gênero, mas mostra também a movência dessas formações. A argumentação do texto nos leva a questionar, com os autores, que “embora a FD pareça homogênea, sem possibilidade de interferência, dotada de unicidade, ela não o é, haja vista suas porosidades que podem levar o sujeito do discurso a significá-la diferentemente, considerando a ideologia vigente”.

Já no texto *Machado de Assis e a crônica: “O punhal de Martinha” – o debate dialógico da memória*, os autores Edson Nascimento Campos, Herbert de Oliveira Timóteo e Mariano Alves Diniz Filho argumentam, por meio de uma análise semiótica que considera a relação sociedade/memória, sobre o fato de que os grupos dominantes da vida social, as forças centrípetas operam pela produção axiológica do esquecimento dos fatos sociais. Fundamentados na percepção teórica de uma modernidade capitalista como espaço dialético de convívio do novo com o velho, no qual o envelhecimento obedece às molas do sistema, os autores postulam que entre “restos e cicatrizes”, o esquecimento não necessariamente precisa ser o lugar ideológico de inércia, mas pode ser um lugar contraideológico de articulação social das forças centrífugas, ou de descentralização.

Assumindo, então, certa concepção baseada em Bakhtin a respeito da exterioridade e da excedência em relação à enunciação de Machado de Assis na crônica “O Punhal de Martinha”, a análise aponta que, nesse texto, o punhal como arma doméstica e pública pode ser pensado na constituição refratada da identidade do herói. No uso do punhal, a figura de Martinha

tem, axiologicamente, os atributos identitários da independência e da assertividade em relação à figura histórica de Lucrecia, cujo uso do mesmo símbolo manifesta atributos da dependência e da não-assertividade. Tais constatações, ponderam os autores, possibilitam a visão do punhal como rastro, ou seja, como uma constituição metonímica que orienta o olhar para o debate proposto pelo autor-criador de Machado de Assis.

Fechamos o Caderno com o instigante texto de Marcela Penaforte Fernandes, *FAHRENHEIT 451: diálogos com a filosofia de Deleuze*, cuja reflexão nos remete à abordagem do texto de abertura e, de certo modo, a todos os outros textos deste número, pela pretensão de leitura de seu objeto de análise sob o olhar do desejo em contraste com uma sociedade de controle. É um movimento analítico que, acreditamos, inspira, em certa medida, o conjunto que ora apresentamos. Assim, à autora, considerando certa linha de escrita vinculada ao fluxo da imaginação, interessa pensar o *FAHRENHEIT 451* - história em quadrinhos de Tim Hamilton, com os conceitos guattaro-deleuzianos a partir de uma leitura que se constrói pelo “caos”, pelas “linhas de fuga”, como ela mesma grifa. Tendo em mente a marca da multiplicidade presente na linguagem, os quadrinhos em questão corroboram, portanto, com as análises propostas por trazerem a temática da perseguição ao conhecimento dentro de um sistema de controle que entende os riscos que o ser pensante oferece para a estrutura do próprio esquema social.

## Referências

ANDRADE, C. D. A flor e a náusea. In: ANDRADE, C. D. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AUTHIER, REVUZ. J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. IN: **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/166478968/Maingueneau-D-A-propósito-do-ethos>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VOLOSHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.